



DOI: <http://dx.doi.org/10.22484/2177-5788.2016v42n2p423-434>

Violência familiar: invisível aos olhos da sociedade

Clarissa Maria Aquere Szadkoski

Resumo: A violência na escola é uma constante nas pesquisas educacionais há vários anos. Cabe a este artigo explorar as vertentes da violência tendo como base primeira a família e a sua influência na vida dos filhos. A Gestão do Cuidado aprimora o texto trazendo o papel da escuta afetiva nas relações entre família-escola-alunos-educadores na busca de uma cultura da paz.

Palavras-chave: Violência. Família. Filhos. Escola. Cuidado.

Family violence: invisible to the eyes of society

Abstract: Violence at school has been a constant in educational research for several years. It is up to this article to explore the aspects of violence based on the family and its influence on the children's lives. Care Management improves the text by bringing the role of affective listening in the relationships between family-school-pupils-educators in the search for a culture of peace.

Keywords: Violence. Family. Children. School. Caution.



Introdução

Fala-se tanto em violências atualmente: guerra ao narcotráfico, trabalho infantil, acidentes nas estradas, assassinatos, roubos seguidos de morte, violência nas escolas contra alunos ou contra professores, violência contra a mulher ou contra os idosos, pedofilia, guerras, ataques terroristas, violências, violências, violências..., porém algumas violências passam despercebidas pelos grandes meios de comunicação e pode ser este o caso da violência que ocorre, velada, dentro dos lares.

A cada entrevista ou debruçando-se entre autores diversos, em cada nova pesquisa realizada com diversos alunos muitas eram as rotas que apontavam para um mesmo lugar: a Violência Familiar.

Para que a pesquisa apontasse o que as crianças poderiam dizer sobre isto, foi sugerido que os alunos construíssem uma Cartilha do Código de Atitudes na Escola Municipal de Ensino Fundamental Breno Guimarães, no município de Guaíba/RS e então um caminho começou a ser traçado. Os alunos de menor poder aquisitivo, muitos beirando a miséria extrema, criaram seus códigos e ao dirigir o trabalho percebi que todos buscavam paz no lar para levar sua vida adiante. Entre um dos seus códigos elegeram o relatado a seguir: “Todas as pessoas têm direito a uma família”, os alunos frisaram que não apenas as crianças têm direito a uma família, mas TODOS.

A diferenciação feita entre casa e lar foi sublime. Pequenos seres em seus tenros 10 e 11 anos emocionavam-me ao afirmar que o lar era o local onde recebiam carinho e estavam cuidados por seus familiares. Suas casas eram apenas aquelas que eram feitas de tábuas, cimento, ou até mesmo um barraco. O fundamental para eles era um lar, local onde deveriam ter segurança, paz e menos violência tais como: agressões, brigas, discussões e até separações entre os pais foram citadas como parte destas violências e onde sentir-se-iam amados. Amor, bem sabemos, nem sempre existente.

As respostas a esta pesquisa mostraram a família como a principal fonte das violências que, como não poderia ser diferente, mostra-se na escola e torna o serviço da Orientação Educacional imprescindível e estas profissionais bem o sabem, pois têm entre suas atribuições o papel de ser a ponte entre a família-educadores-escola e o papel da escuta afetiva das atribuições que ocorrem na vida dos alunos e de suas famílias.



Aqui incluo-me entre elas, pois como Orientadora Educacional convivo no meu cotidiano com as mais diferentes violências cometidas contra meus alunos e que têm profunda influência na vida escolar de cada um. As pessoas ouvem, mas poucas escutam e nós, Orientadores Educacionais além de ouvir temos que escutar a voz da alma para podermos entender o que passam nossos alunos.

Nota-se também que as atitudes violentas no ambiente escolar são constituídas de forma complexa e muitas vezes simultâneas advindas dos lares dos alunos. Sendo assim permito-me estudar esta vertente da violência: a que acontece em casa e reflete-se na escola.

A partir de todas estas percepções optei por investigar a violência familiar ocultada pelo medo, pela vergonha ou pelo desconhecimento dos direitos de cada membro da família, ou seja, a “Violência Familiar: Invisível aos Olhos da Sociedade”.

Mães também foram entrevistadas e informaram que existem violências dentro das famílias que interferem na vida dos filhos, mas muitas não consideram as suas frequentes palmadas como agressões, mas como parte da educação.

Após as leituras para embasamento de todas estas informações, mais me instigava essas questões: 1) A violência começa em casa?; 2) Qual o papel da família na vida dos filhos? e 3) A violência familiar interfere no papel dos filhos na escola?

Percebe-se que crianças e adolescentes que sofrem violência tornam-se também mais agressivos na escola, dispersos, manifestam dificuldades de aprendizagens e muitos são rotulados como hiperativos, quando na verdade podem apenas manifestar dificuldades emocionais ou sociais. Portanto cabe o estudo das questões propostas para o entendimento da relação família-criança/adolescente-violência-escola.

Assim cabe-me abordar e explanar as respostas para as perguntas dantes elaboradas, buscando nesta pesquisa bibliográfica (após extensa pesquisa etnográfica), apontamentos que me remetam ao seio familiar e às suas tramas: possíveis causas para a violência.

Caberá, então, à escola discutir também a violência familiar que fica escondida entre quatro paredes e tem em lábios que não conseguem expressar esta dor, os das crianças, as piores vítimas das violências.



Violência esta que podem ser física, sexual, psicológica, econômica, espiritual, afetivas, emocional ou quantos mais nomes pudermos dar a elas. Sobre a violência fala assim King (apud REVERÓN, 2009, p. 16):

Através da violência você pode matar um assassino, mas não pode matar o assassinato. Através da violência você pode matar um mentiroso, mas não pode estabelecer a verdade. Através da violência você pode matar uma pessoa odiosa, mas não pode matar o ódio. A escuridão não pode extinguir a escuridão. Só a luz pode.

Sendo assim as crianças vítimas de violências, tendo assim direito à luz, têm ainda direitos de cidadãos expressos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069/90, desta forma: “condição peculiar de pessoa em desenvolvimento”.

Assim são chamadas as crianças e os adolescentes: pessoas em desenvolvimento que merecem atenção, respeito e afeto.

Diversos autores: Cury (2003), Goleman (1995), Levinas (2007), Maturana (2004), Pacheco (2007), Perrenoud (2001), Reverón (2009), Sousa (2010), Wunderlich (2011), Zapelini (2010) entre outros foram consultados para as possíveis respostas a estas perguntas que já passeiam pelo pensamento há mais de vinte anos. Nas palavras de Maturana (2004, p. 138).

Ademais, ao surgirem a consciência de si e a auto aceitação da criança – conforme esta é percebida e acolhida pela mãe, no presente de um contato corporal íntimo em total aceitação – ela (a mãe), surge como outro Eu na realização dessa mesma aceitação mútua mãe-criança. Então começa, na criança, a práxis da dinâmica social como a dinâmica da mútua aceitação (amor) na convivência.

Fica expresso que a aceitação e o amor na convivência influenciam sobremaneira na vida social que as crianças terão ao longo das suas vidas e a pretensão de estudá-las na escola é a mais instigante neste momento.



Violência Invisível: a doméstica

A violência que ocorre no interior do seio familiar causa lesões não apenas no corpo, mas principalmente na alma. Pode-se pensar que a carência material possa ser um indicativo maior para a ocorrência destas violências, mas famílias de média e alta renda também apresentam índices de agressões ou ausências tidas como violências.

Além das carências estruturais, sociais e econômicas as famílias estão inseridas num contexto em que predomina a relação de poder ditada pelo domínio dos adultos da família e a carência do cuidado. Os conflitos emergentes nessa realidade são de natureza violenta, cujas vítimas principais são crianças e adolescentes.

Vale lembrar que o cuidado, na perspectiva da Gestão do Cuidado, considera o outro numa disposição ético-estética-afetiva da convivência, em que se faz necessário reconhecer esse outro como possibilidade, percebendo aquilo que ele nos diz. A lógica dessa disposição implica em que se perceba o outro como um todo no contexto das nossas vivências, reconhecendo sua importância, sentindo-o como se sentíssemos a nós mesmos, convivendo de fato a ponto de nos afetarmos e nos deixar afetar pela presença desse outro na relação.

Segundo Sousa (2010, p.14), “[...] ao assumir como princípio o cuidado, ocupa-se antecipadamente com a acolhida do outro. Ensina que, quando lidamos com cenários onde as violências têm lugar, é preciso ir além do ato de nomear, de categorizar, ou classificar suas manifestações”. Diz ainda que são imprescindíveis elencar alguns aspectos epistemológicos que sustentam a Gestão do Cuidado: “A prioridade absoluta da vida; O amor é a essência das relações; Corpo e espírito como unidade indissociável; Ensinar pela vivência; A recusa por toda forma de sofrimento; Criar contextos de intercomunicação; A convivência como sustentáculo da gestão; Aperfeiçoar nosso processo de humanização; Buscar a sabedoria.”

A Gestão do Cuidado prima pelo olhar atento, o olhar com olhos de “ver” o outro, de ouvi-lo também. Vivemos em uma sociedade que valoriza o ter e não o ser e assim, a sensibilidade e a empatia não permeiam as relações. E o fundamental é que possamos colocar-nos no lugar do outro e com ele compartilhar seus anseios, vontades e dificuldades. Podemos ter em mente, ainda, a Educação Biocêntrica que prima pelo princípio da vida e vê o ser humano como único e insubstituível, e com este olhar devemos levar este projeto avante.



Como ainda estamos caminhando a passos lentos rumo a Pedagogia do Afeto ou do Amor, cabe-nos referir o que estudiosos nos trazem sobre este assunto:

Deve-se coibir todo ato atentatório à perfeita formação e higidez e psicológica e emocional de filhos de pais separados ou divorciados. A família moderna não pode ser vista como mera unidade de produção e procriação, devendo ao revés, ser palco de plena realização de seus integrantes, pela exteriorização dos seus sentimentos de afeto, amor e solidariedade...porquanto é forma no exercício do poder familiar, e de desrespeito aos direitos de personalidade da criança em formação...ante a necessidade de exigir uma paternidade e maternidade responsáveis...bem como com o dever de salvaguardar a higidez mental de nossas crianças. É certo no entanto, que a alienação parental pode decorrer de conduta hostil, não apenas do pai, mas também na mãe. (WUNDERLICH, 2011, p. 174).

A Gestão do Cuidado prioriza então, a atenção e a vontade pessoal, social e política de enfrentarmos as violências. Como em um dos princípios levantados por Souza (2010) que diz: “Ensinar pela Vivência”, ou seja, são ações e vivências positivas, principalmente de ajuda e apoio ao próximo, que vão reproduzir, mais tarde, ensinamentos desta natureza na comunidade escolar.

Cury (2003) esclarece que os filhos não precisam de pais gigantes, mas de seres humanos que falem a sua linguagem e sejam capazes de penetrar-lhes o coração. O que pode gerar vínculos positivos no subconsciente dos filhos não é somente o que os pais dizem aos filhos, mas também o que eles veem neles. Inúmeros pais podem falar coisas bonitas aos filhos, mas têm reações inapropriadas na sua frente como: intolerância, agressividade, parcialidade dissimulação, agressões mútuas. Com o passar do tempo será criado um abismo emocional entre os pais e os filhos.

Muitos filhos vivem em conflito porque seus pais não usam a sensibilidade e a empatia nas suas relações, acreditam que a lei da violência mereça falar mais alto. Abraçar, beijar e falar não fazem parte da sua maneira de ser, diálogo então, nem pensar. Sendo assim, algo se quebra: a autoestima dos filhos e a dignidade dos pais.

Com um novo olhar, compreendemos aquele que preconize permanentemente a preocupação com o cuidado, um olhar de estranhamento, que possa detectar no dia-a-dia do ambiente escolar aquele indivíduo que necessita de ajuda, acompanhamento, afeto. Que esse olhar constitua uma pedagogia do cotidiano, seja um conceito educativo, segundo Sousa (2010), deve ser uma Pedagogia do Afeto que eduque adolescentes e crianças para a liberdade compartilhada. Ela ainda sinaliza como fazer, soltando as amarras que aprisionam o fazer



escolar, para que educandos e educadores internalizem um pensamento orgânico, que lhes permitam aprender outras atividades, sempre vinculadas ao zelo com o outro e as atitudes destinadas a alterar suas realidades.

Papel da família na vida dos filhos

O papel da família, ou dos seus cuidadores, na vida social e escolar dos filhos é primordial. De acordo com Zapelini (2010, p. 84):

A estrutura familiar não é isolada do contexto histórico, econômico, cultural e social, mas sim um dos subsistemas em que se encontra presente o que compõe os poderes estruturados e estruturantes da sociedade. Autoritarismo, machismo, pré-conceitos e conflitos que se articulam com as condições de vida das famílias e as questões de poder que se manifestam nas relações afetivas e na sexualidade.

Conforme Sousa (2010, p. 83), a violência produz uma desorganização emocional no sujeito, em situações em que há submissão ao domínio e controle do outro. Acreditamos que ambos os sujeitos (agredidos e agressores) são afetados nesse tipo de relação, embora quem sofra a violência se desestabilize emocionalmente de forma mais prejudicial que aquele que a promove.

Contribuindo com isso, vemos em nosso cotidiano, através da vivência ou até das reportagens vistas ou ouvidas diariamente uma constante agressividade das crianças e adolescentes que têm suas infâncias violentadas em seus próprios lares justamente no ambiente onde deveriam ser protegidos, cuidados e amparados.

Maturana (2004, p. 137) considera que “a rigor, somos filhos do amor, e a biologia de nossas corporeidades, assim como a de nosso desenvolvimento infantil, pertence à biologia do amor”. E complementa:

O fato de que uma mãe esteja insensibilizada em relação a seus filhos, e não os veja no fluxo de suas interações enquanto estas irrelevantes se ocorrem de modo ocasional. Entretanto, quando essa situação persiste no cotidiano de suas relações com seus filhos, estes se tornam sistematicamente invisíveis para ela. As crianças não vivem seus corpos como válidos na relação, e não têm modos de aprender sua corporeidade como constitutiva de sua identidade no que fazem. Em consequência, não têm possibilidades de crescer em autoconsciência nem de desenvolver respeito por si mesmas (p. 137).



Percebe-se que o contexto familiar vivenciado contribui muito para a formação da identidade desses indivíduos, e conseqüentemente isso pode também determinar seu comportamento. A vivência de situações violentas em ambiente familiar pode não se restringir apenas à família, pode se expandir e atingir todo o tecido social, como a escola e a comunidade em que esses estão inseridos. Evidencia-se claramente, ao longo do exercício profissional, a necessidade dos alunos terem assegurados os princípios básicos da Declaração dos Direitos Humanos.

Quanto à família, Levinas (2007) diz que “[...] a filiação biológica é apenas a figura primeira da filialidade; mas pode-se perfeitamente conceber-se a filialidade como uma relação entre seres humanos sem laço de parentesco biológico”. Percebemos aqui que os laços que unem as pessoas não são apenas os biológicos e por que não agregarmos a este pensamento, os professores, não estarão eles fazendo parte, neste momento, da família dos alunos mais do que outras pessoas?

Percebe-se claramente a partir daí a importância fundamental da afetividade na relação familiar desde a mais tenra infância. Maturana (2004) deixa claro que a biologia do amor é imprescindível para o perfeito desenvolvimento infantil. As crianças que não desenvolvem respeito por si mesmas a partir da falta de cuidado, possivelmente não se preocuparão com o respeito pelo outro e então a possibilidade de ocorrência das violências tanto no ambiente familiar, quanto no escolar torna-se maior e a importância do professor em mediar estas relações é substancial.

Conforme Sousa (2010), “é fundamental que saibamos pôr em prática o cuidado, como um gesto de acolhida do olhar, que complexifica os modos de entendimento dessas manifestações e procura contextualizá-las nas redes de relações em que estas são produzidas”.

Concebe-se nesta perspectiva, um ideal de que todo conflito humano tem um fundo emocional. Como na frase de Antonie de Saint-Exupéry encontrado na obra de Goleman (1995): “É com o coração que se vê corretamente; o essencial é invisível aos olhos”. Percebe-se que para estas famílias o conceito de violência vai ao encontro das palavras de Sousa (2010, p. 83) “[...] violência como todo e qualquer processo que produz a desorganização emocional do sujeito, a partir de situações em que este é submetido ao domínio e controle de um outro.”



Nos dias atuais muitas são as famílias em que os pais trabalham fora e as crianças ficam em creches, escolas, com babás e/ou pessoas ligadas à família, no entanto há mães que ainda preferem abrir mão de uma liberdade econômica e escolhem sua casa como cenário principal de suas vidas, local onde acreditam ser uma opção de cuidado e afeto, longe de violência. Entretanto sabemos que nem sempre isso ocorre desta forma, infelizmente para algumas famílias o lar, local onde deveria ser de cuidado e proteção é muitas vezes, onde determinadas violências ocorrem.

Papel da família na vida: violência dos filhos na escola

Pode-se dizer que o termo "violências" forma-se por todas atitudes ou palavras agressivas contra o outro ou sobre si mesmo em todas as esferas da sociedade: família, escola, instituições sociais, círculo de amizades, etc., sejam elas psicológicas, afetivas, emocionais, sociais e relacionais.

Nossa sociedade está permeada de "violências". Vivemos em um mundo capitalista e neoliberal em que se acentua o desejo de ter e não o de ser, portanto o "homem" na plenitude da palavra está longe de ser o objeto da atenção e do cuidado em todos os setores da sociedade.

Pressupondo as violências físicas e verbais como as que os alunos mais sofram em seus lares, é inevitável que elas se manifestem na escola, possivelmente em forma de violência também ou de fraco desempenho escolar, por isso é necessário (aos professores) conhecer e compreender em que realidade estão inseridos os alunos envolvidos nessas violências.

Em relação à complexidade das manifestações destas violências temos:

A utopia seria que tivéssemos igualdade, que negociássemos com justiça...que se desenvolvesse o respeito entre nós...que existisse confiança e apoio social, e responsabilidade compartilhada. É um esforço que requer coalizações e objetivos comuns.... e a sensibilidade para com as necessidades dos demais e a responsabilidade de cada um para com o bem-estar e o futuro do país. É tarefa de todos prevenir, punir e erradicar a violência (REVERÓN, 2009, p. 37).

Uma vez detectadas diversas formas de violências que ocorrem no ambiente escolar, é mister que busquemos a contextualização dessas, bem como a frequência e com quem ocorrem essas violências, já que são os professores responsáveis pela "contenção" dessas práticas tão danosas aos seres humanos. Uma das hipóteses possíveis para a maior ocorrência dessas



violências, primeiramente em casa e após na escola, pode ser devido à questão do ethos da virilidade, que segundo Boff (2003, p. 17), é cultuada a figura do “macho forte”, do “reprodutor”, do “homo violens”, que não perde nunca e sempre está com a razão sobre qualquer assunto em pauta, a qualquer custo.

Outra possibilidade de tentarmos compreender a preponderância desses tipos de violências no ambiente escolar é a falta ou o não desenvolvimento da habilidade de cuidar do outro que levaria os indivíduos a essas situações de violências. Questiona-se quanto à influência familiar no ambiente escolar, segundo Leite (2011), não é possível negar a influência da família nas condutas de crianças e jovens, pois isso seria negligenciar o fato de que eles (as) se educam também nas relações familiares e naquelas estabelecidas com a comunidade em que vivem.

Fica evidente a necessidade da afetividade nas relações, porém não podemos deixar de perceber a necessidade extrema de uma Rede de Proteção que prime pelo real atendimento dos cidadãos em situação de risco.

Cabe ao Estado o dever de garantir direitos aos seus eleitores, bem como prover entidades assistenciais que possam prestar socorro aos habitantes sem assistência. Segundo Pacheco (2007), os professores e os serviços de apoio, bem como os familiares, constroem modos de trabalhar a partir da colaboração e do reconhecimento da experiência mútua.

Pensando no círculo educacional, neste momento insere-se o trabalho do Orientador Educacional, profissional que tem entre suas atribuições fazer a mediação de conflitos, bem como formar a rede família-professores-alunos e comunidade escolar. Professores, juntamente com a Equipe Gestora da Escola, devem trabalhar para, uma Escola para a Paz, como Maria Montessori almejava já na década de 30 em seu discurso em Genebra, quando então foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz! Uma história tão antiga que retorna e retorna sempre às escolas...a violência, os abusos, entre tantos outros.

Perrenoud (2001) reconhece que o trabalho em equipe é extremamente difícil e também que negociar e dar vida a uma escola são desafios para as organizações escolares e sobre a classificação das equipes gestoras. Nas suas palavras:



As pseudo-equipes, que são constituídas para compartilhar um crédito ou espaços suplementares, as forças de um professor de suporte ou de um especialista, em suma, para fazer um arranjo interessante; As equipes "latu sensu", que se limitam a intercâmbios sobre as ideias ou as práticas de cada um; para os membros, a equipe é um ambiente estimulante, que dá ideias, coragem, vontade, pistas concretas, ajuda; As equipes "stricto sensu", que, para além dos arranjos materiais ou das práticas de intercâmbio, são formadas por pessoas que realmente agem em conjunto, constituem-se em um sistema de ação coletivo, cada uma delas renunciando voluntariamente (e sem ambivalência) a uma parte de sua autonomia (PERRENOUD, 2001, p. 187).

Cumpra-se observar, ainda, que o princípio primeiro da escola é a aprendizagem e surge um novo questionamento? Como uma criança na escola que sofre e pratica violências poderá construir o seu conhecimento? Chega-nos, então, Foucault (apud VEIGA NETO, 2007, p. 56), explicando que “[...] é o poder enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como nos constituímos na articulação entre ambos’.

Considerações finais

Mas qual o papel da escola para evitar este problema quando se torna sabedora do fato e realmente pensar no cuidado com esta criança? Acionar Conselhos Tutelares? Promotoria da Infância e Juventude? Estarão os Conselhos Tutelares equipados técnica e profissionalmente para isso? A Promotoria aceitará denúncias sem antes passar pelos Conselhos?

Em parte, está nas mãos da educação escolher os caminhos, que deve envolver a busca por novos conhecimentos. Só assim a classe educacional e gestores estarão realmente atuando na Gestão do Cuidado, aceitando cada um a parcela de responsabilidade pelo fracasso ou não deste Projeto de Vida para a Paz!

A Gestão do Cuidado para uma Escola que Proteja não depende, exclusivamente, apenas da ação do Poder Público, mas da ação dos agentes formadores de opinião, neste caso os professores e equipe diretiva, entre eles o Orientador Educacional que tanto vive com os seus alunos as mazelas do dia-a-dia e assiste, muitas vezes, impotente às atrocidades que acontecem na vida familiar.



É necessário que os Gestores do Cuidado façam da escola um território de olhares e sobre estes olhares imprimam uma cultura de paz que se estenda a toda comunidade escolar: pais-educandos-educadores e a todos aqueles que a ela recorram.

Referências

- BOFF, Leonardo. **Ética e moral**: a busca dos fundamentos. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- LEITE, Amanda Maurício Pereira (Org.). **Módulo 3**: educação, escola e violências. Florianópolis: UFSC-CED-NUVIC, 2011. Disponível em: <http://gestaodocuidadosaoleopoldo.pbworks.com/f/Educacao_escola_e_violencias.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2016.
- LEVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**. Lisboa/Portugal. Edições 70, 2007.
- MATURANA, Humberto. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- PACHECO, José (Org.). **Caminhos para a inclusão**: um guia para o aprimoramento da equipe escolar. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- PERRENOUD, Philippe. **A pedagogia na escola das diferenças**: fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- REVERON, Nayive. **Violência familiar**: a paz começa dentro de casa. São Paulo: Paulinas, 2009.
- SOUZA, Ana Maria Borges de (Org.). **Módulo 1**: gestão do cuidado e educação biocêntrica. Florianópolis: UFSC-CED-Nuvic, 2010.
- VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- WUNDERLICH, Alberto (Org.). **Temas críticos em direito**. Guaíba, Sob Medida, 2011.
- ZAPELINI, Cristiane Antunes Espíndola. (Org.). **Módulo 2**: violências, rede de proteção e sistema de garantia de direitos. Florianópolis: NUVIC-CED-UFSC, 2010.

Clarissa Maria Aquere Szadkoski – Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis | Santa Catarina. Contato: clarissaaquere@hotmail.com

Artigo recebido em novembro de 2016 e aprovado em dezembro 2016